

Representações do negro na imprensa curitibana (1900 a 1918)¹

Black representations in the Curitiba press (1900 to 1918)

Pamela Beltramin Fabris²

Resumo: É notável que, ao longo dos anos (pelo menos desde o início do período republicano) permaneceu em Curitiba uma memória “branca”. Embora ainda hegemônica, a reificação da primazia de tal memória vem sendo revista por parte da historiografia que vem investindo nos mais variados tipos de fontes, entre as quais encontra-se a documentação oriunda de periódicos e revistas locais. Esta proposta tem como objetivo analisar as representações do negro na imprensa curitibana num período correspondente ao início da Primeira República até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Tal recorte cronológico constantemente é identificado pela historiografia como um período em que as teorias raciais científicas encontravam-se na ordem do dia. Momento em que a ciência afirmava critérios de desigualdade – muito embora a igualdade jurídica no Brasil já estivesse sido alcançada no período pós-abolição –, hierarquizando a sociedade por meio de classificações que tomavam como ponto de referência traços fenóticos como a cor da pele, tamanho de órgãos faciais, entre outros quesitos relacionados à composição física humana. Na imprensa curitibana também é possível identificar uma forte presença de um discurso que respaldava e legitimava a desigualdade entre raças. Charges, crônicas e até notícias corriqueiras do cotidiano davam tom de inferioridade da raça “preta”. Embora fortemente impregnada no imaginário local o discurso da desigualdade das raças sofreu uma espécie de abalo com o advento da Primeira Guerra Mundial, em especial nos dois anos finais do evento. Sobre este período concernente a guerra, autores como Angela de Castro Gomes, Thomas Skidmore e Lúcia Lippi Oliveira chamaram atenção para o advento (principalmente por parte de uma elite letrada) da busca por uma identidade nacional. Neste ínterim foram colocados em xeque (ainda que de forma ocasional) paradigmas até então dominantes, entre eles os relacionados à raça. No âmbito do discurso, assim como a ideia de “raça”, concomitantemente, o “elemento nacional” passou por um processo de ressignificação, o que compreendeu uma mudança em relação à representação do negro na sociedade. De forma geral, a busca por uma identidade nacional inseriu no debate atores antes pouco ou nada mencionados como “formadores” do progresso regional. O discurso das “três raças” (índios, negros e portugueses) formadoras do Brasil, muitas vezes desqualificada a nível local, parecia agora coerente com este tempo, ou seja, de forma circunstancial neste período houve uma valorização da representação do negro na imprensa local. Contrariando toda uma literatura anterior e posterior, uma considerável parte dos intelectuais do Paraná não parecia reivindicar para o estado e para si, a condição de exceção frente a outros. Não se tratava dessa vez, de pensar o estado como um “Brasil diferente”.

Palavras chaves: Pós abolição; Imprensa; Negros e Negras em Curitiba

Abstract: It is notable that, over the years (at least since the beginning of the republican period), a “white” memory remained in Curitiba. Although still hegemonic, the reification of the primacy of such memory has been revised by part of the historiography that has been investing in the most varied types of sources, among which is the documentation from local periodicals and magazines. This proposal aims to analyze the representations of black people in the Curitiba press in a period corresponding to the beginning of the First Republic until the beginning of the First World War, in 1918. Such chronological cut is constantly identified by historiography as a period in which scientific racial theories found up on the agenda. Moment when science affirmed criteria of inequality - even though legal equality in Brazil had already been achieved in the post-abolition period -, hierarchizing society through classifications that took as a point of reference phenotypic traits such as skin color, size of facial organs, among other questions related to human physical composition. In the Curitiba press, it is also possible to identify a strong presence of a discourse that supported and legitimized inequality between races. Cartoons, chronicles and even everyday news

¹ Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>

² Doutora em História, UFPR.

gave a tone of inferiority of the “black” race. Although strongly impregnated in the local imagination, the discourse of racial inequality suffered a kind of shock with the advent of the First World War, especially in the final two years of the event. Regarding this period concerning the war, authors such as Angela de Castro Gomes, Thomas Skidmore and Lúcia Lippi Oliveira drew attention to the advent (mainly on the part of a literate elite) of the search for a national identity. In the meantime, until then dominant paradigms were challenged (albeit occasionally), including those related to race. Within the discourse, as well as the idea of “race”, concomitantly, the “national element” underwent a process of resignification, which included a change in relation to the representation of black people in society. In general, the search for a national identity inserted into the debate actors who were previously little or not mentioned as “formers” of regional progress. The discourse of the “three races” (Indians, blacks and Portuguese) that formed Brazil, often disqualified at the local level, now seemed coherent with this time, that is, circumstantially, in this period there was an appreciation of the representation of blacks in the local press. Contradicting a whole previous and subsequent literature, a considerable part of Paraná’s intellectuals did not seem to claim for the state and for themselves, the condition of exception in front of others. This time, it was not about thinking about the state as a “different Brazil”.

Keywords: Post abolition; Press; Blacks in Curitiba

É notável que, ao longo dos anos (pelo menos desde o início do período republicano) prevaleceu em Curitiba uma memória “branca”. Tal memória buscava a associação entre imigrantes europeus e uma suposta noção positiva do grau de desenvolvimento da capital paranaense. A sustentação por uma memória “branca” fora amparada por diversos trabalhos em tempos distintos; entretanto, há um destaque na década de 50 do século XX, quando uma série de autores que vivenciavam, naquele momento, um surto de crescimento do Paraná, buscavam as raízes do verdadeiro homem “empreendedor paranaense”.³ Para Werner Aulich, cuja obra foi publicada em 1953,

(...) se hoje a cidade de Curitiba é apelidada de ‘cidade sorriso’ tal se deve em grande parte aos esforços desenvolvidos pelos elementos alemães, não somente com referência ao esmero demonstrado na construção de suas casas, e no traçado dos seus jardins, mas também com respeito ao espírito reinante em seu meio, sempre almejando a conservação de uma sociabilidade jovial...⁴

Outra conhecida obra que busca reiterar o caráter “branco” do Paraná é de autoria de Wilson Martins. Na conclusão do seu “Um Brasil Diferente”, ao discorrer sobre o paranaense, Martins afirmou que neste estado encontrava-se “uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira.”⁵

³ BURMESTER, Ana Maria; BREPOHL, Marion; PAZ, Francisco Moraes. O Paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In. ARMADO, Janaína; DA SILVA, Marcos A. *REPÚBLICA em migalhas: história regional e local*. São Paulo; Brasília (DF): Marco Zero: CNPq, 1990. p. 159

⁴ AULICH, Werner. *O Paraná e os alemães*. Estudo caracteriológico sobre os imigrantes germânicos. Curitiba, 1953. p. 74

⁵ MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955. p. 446

Ainda que uma bibliografia posterior conteste e critique as obras que buscavam sustentar uma memória “branca” no Paraná, o diagnóstico feito por Hebe Mattos parece compatível também com a realidade local: “com a abolição do cativo, os escravos pareciam ter saído das senzalas e da história, substituídos pela chegada em massa de imigrantes europeus.”⁶ Ao revisitar a produção acadêmica, referente ao período do pós-abolição no Paraná, nota-se o grande vazio em relação a temas que tenham negros como objeto de estudo. Logo, a análise que aqui proponho, mesmo que de forma introdutória, procurará abordar certas representações acerca do negro na imprensa local, num período correspondente ao início do século XX até o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918.

Um dos possíveis vieses para se pensar na representação do negro na imprensa parte de sua inserção – ou não – como partícipe da chamada identidade nacional no período da Primeira República. A busca pela mesma passou, ao longo dos anos, por intensas discussões e embates travados por aqueles (com motivações diversas) preocupados com a questão nacional. No que concerne à historiografia, há uma intensa produção referente às lutas por uma definição de identidade nacional e, conseqüentemente suas significações, abordando diferentes períodos, mas privilegiando, sobretudo, a produção intelectual concentrada no eixo Rio - São Paulo.

No que se refere ao recorte cronológico aqui estabelecido, 1900-1918, o mesmo é constantemente é identificado por parte da historiografia como um período em que as teorias raciais científicas encontravam-se na ordem do dia. Momento em que a ciência afirmava critérios de desigualdade – muito embora a igualdade jurídica no Brasil já estivesse sido alcançada no início da Primeira República –, hierarquizando a sociedade por meio de classificações que tomavam como ponto de referência traços fenóticos como a cor de pele, tamanho de órgãos faciais, entre outros quesitos relacionados à composição física humana.

Para Thomas Skidmore, no período concernente ao início da Primeira República até a Primeira Guerra Mundial, grande parte dos intelectuais e dos letrados que debatiam a respeito do “povo brasileiro” estavam imersos nos preceitos racialistas. O sergipano Sílvio Romero, por exemplo, embora por vezes ambíguo em suas análises, era um dos preocupados com os “problemas” raciais do Brasil e considerava que entre as benesses advindas com a imigração europeia estava embutida a que se referenciava ao ideal do branqueamento da nação, por meio da miscigenação.⁷

Como dissidentes da hegemônica conjuntura racialista, Skidmore apontou os autores Alberto Torres e Manoel Bomfim. Para este último, “tal teoria [racialista] não passa de um sofisma abjeto do egoísmo

⁶ MATTOS, Hebe; RIOS, Ana Maria. *O pós-abolição histórico: balanços e perspectivas*. Topoi, v.5, n.8, jan-jun. 2004, pp.170-198. p.170.

⁷ Sobre a questão, ver ainda: SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

humano, aplicado à exploração dos fracos pelos fortes.”⁸ Não por acaso, segundo Thomas Skidmore, Sílvia Romero, contemporâneo de Manoel Bomfim, foi um dos seus críticos mais ferrenhos.⁹

Indo de encontro a esta abordagem, Carolina Vianna Dantas afirmou que Alberto Torres e Manoel Bomfim não podem ser encarados como exceções, no que se refere à percepção da questão racial deste período. Para a autora, tal contexto foi marcado por uma pluralidade de concepções e, “ainda que dentro do paradigma racial e em diálogo com ele, [outros autores] relativizaram o ‘peso negativo’ da mestiçagem e do mestiço na formação nacional, valorizando a fusão como nosso mito de origem.”¹⁰

Ao discorrer sobre o tema da racialização no início do século XX, Skidmore baseou sua análise tendo como referência, sobretudo, as obras de intelectuais bastante ativos, inclusive no meio midiático, da época. Seguindo esta mesma abordagem, a análise a seguir diz respeito a certas representações do negro e as questões raciais na mídia que circulava em Curitiba, também a partir da ótica da produção intelectual.

Identidade e discurso racial em Curitiba

Para alguns setores da sociedade brasileira, ficou evidente, sobretudo no período pós- abolicionista, a necessidade de repensar os rumos que o país deveria seguir para se inserir em um processo econômico, político e social dinâmico internacional. Tal processo previa a modernização do Brasil de acordo com os preceitos da transição para a ordem burguesa sustentada pela égide do liberalismo. A modernização do país não pressupunha apenas transformações econômicas e políticas; projetos de alterações sociais também faziam parte do horizonte dos que ansiavam em incluir o país no rol dos estados “civilizados”.¹¹

Curitiba, seguindo caminhos análogos a de outras capitais brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, experimentava na virada do século um crescimento urbano e populacional decorrente, em grande parte, das medidas que visavam o desenvolvimento da cidade. Uma crescente industrialização também acompanhou o processo de modernização na capital, mas era na exportação do mate, da madeira e do café que a economia predominantemente se amparava.¹² E o crescimento também foi demográfico e pode ser evidenciado por meio dos números. De 24.553 habitantes no ano de 1890 a cidade passou a contar com

⁸ BOMFIM, Manoel, Apud SKIDMORE, Thomas E. Op.cit, p.174.

⁹ SKIDMORE, Thomas E. Op. cit, p. 333

¹⁰ DANTAS, Carolina Vianna. *Brasil “café com leite”*: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos. (Rio de Janeiro, 1903-1914). (Tese – UFF), 2007. p. 201.

¹¹ Em outra oportunidade desenvolvi com mais fôlego o tema da conjuntura da Primeira Guerra Mundial em Curitiba, tendo como enfoque os conflitos que ocorreram na cidade. Ver: FABRIS, Pamela Beltramin. *“Nós, os selvagens, não reverenciamos os símbolos Kaiserianos: conflitos em torno de uma identidade germânica em Curitiba (1890-1918)”*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, 2014.

¹² Segundo Octavio Ianni, em 1893, existia 233 estabelecimentos comerciais e industriais em Curitiba. IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravidão no Brasil meridional*. 2.ed. Ver. e aum. São Paulo: Hucitec, Curitiba: Scientia ET Labour, 1998.

cerca de 80 mil pessoas em 1920.¹³ Uma significativa parcela deste aumento populacional foi proporcionada tanto pela chegada de imigrantes vindos do exterior como de migrações oriundas dos deslocamentos internos.

Indo ao encontro das ideias e discursos dos que ansiavam por receber cada vez mais os ditos “imigrantes ideais”, os quais, por suas características ditas “civilizadas”, poderiam contribuir para o desenvolvimento do Paraná, a “grande imprensa” e autores da época, em diversos momentos enalteciam a presença dos imigrantes na cidade de Curitiba. Nas páginas do *Diário da Tarde* foi possível identificar o entusiasmo causado pela chegada desses que eram “bem-vindos”: “a ultima hora soubemos terem chegado a Paranaguá no Vapor Frier 500 immigrants austriacos expontaneos, para nosso Estado. Amigos da imigração não podemos occultar a satisfação com que damos esta importante noticia.”¹⁴

Entre os ideais que marcavam o período destacava-se o do trabalho livre, como mote de uma sociedade que se desejava moderna e civilizada. Esta valorização em torno do trabalho livre se dava, ao menos em nível de discurso, sobretudo, em contraposição ao que havia sido o trabalho escravo no Brasil. Já nos primeiros anos do período republicano, para muitos, tanto o antigo regime monárquico quanto a escravidão passaram a ser caracterizados como símbolos do atraso para a civilização. Em Curitiba, cuja sociedade também foi escravocrata, por meio dos jornais locais foi possível encontrar vestígios de expressões que caracterizavam a vergonha e o repúdio que o passado, ancorado no trabalho compulsório despertava.

Em 18 de março de 1906, o jornal *Diário da Tarde* publicou um conto intitulado “13 de Maio”, cuja autoria é do médico Claudino dos Santos. No conto, uma mãe narra a seu filho, Luizinho, sobre “(...) um tempo aqui, em nosso caro Brasil, que se comprava gente, assim como quem compra um cavallo, um galo, um sacco de feijão, uma lata de manteiga, etc. Que tristes recordações desse commercio vergonhoso!”¹⁵

E a mãe segue:

Os entes destinados ao trafego chamavam-se: *escravos*. Eram um infelizes, tinham mãe e pae, como nós; tinham marido e mulher, como nós; tinham filhos, como nós; mas desgraçados! Muitas vezes viam-se privados desses entes, pela simples conveniência de seus senhores. Vou contar-te, meu pequeno Luiz, uma ligeira historia, não para commover-te, ou te fazer chorar, mas para ficares fazendo, conforme puder o teu infantil entendimento, um juízo do que era *escravidão*. E Luizinho, ancioso por novos conhecimentos, prestava inteiro ouvido á história que lhe ia contar a mamãe. Martha, começava ella, era uma escrava ainda moça que possuía um rico senhor de engenho, entre muitos outros que lhe enchiam a

¹³ MARTINS, Romario. *Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

¹⁴ *Diário da Tarde*, 15 de abril de 1899. p.2.

¹⁵ *Diário da Tarde*, 18 de março de 1906. p.2.

senzalla. Teve um dia a infelicidade de desagradar um seu senhor moço e desde ahi começaram para ella dias de atroz soffrimento. Os serviços mais brutaes, os trabalhos mais pezados eram a ella destinados e ae da pobre se não os cumpria. Para cumulo de seu maior soffrimento ia em breve ser mãe. Effectivamente em poucos mezes dava à luz a uma creança do sexo masculino. Como todas as mães teve a infeliz Martha pelo filho um amor intenso, mas um amor occulto, que ella não podia, e ate fugia de manifestar diante dos brancos; beijava-o quando a noite se recolhia, affagava o seu infeliz filho, a sós, no escuro do seu quarto, e quantas vezes nesse acariciar de mãe, animando o filho terno, não chorava a infeliz. Que tristeza meu filho, nasceram os homens já escravos! Que infeliz a sociedade que encontra um impulso para o seu desenvolvimento material no soffrimento e na magoa do cativo, essa creatura para quem a mesma sociedade atrofiando os mais puros sentimentos da alma, a segrega da communhão do amor, como se a sã Doutrina de Christo não fosse um manto estrelado cobrindo a humanidade inteira, sem distincção de raças e cores.¹⁶ (...) Um dia veio ao engenho um *comprador de escravos*, e entre os apresentados para o hediondo trafego notava-se Pedro, que assim se chamava o filho de Martha. (...) Depois de minucioso exame onde foram revistados o corpo dos escravos, dentes, braços, pernas, músculos, etc., a escolha recahiu o filho da infeliz Martha. Fechou-se o negocio e na sahida já o endinheirado mercador levou consigo o escravo comprado. (...) Martha não sabia o que fazer tal era perturbação, tal era sua dor profunda. Passaram-se os tempos, a escrava não encontrava distracção em cousa alguma até que um dia sem a mais leve esperanza, entendeu fugir e effectivamente deu o arriscado passo. Embrenhou-se no matto, correu sem destino (...) Sentindo-se sem forças, sem alento, lembrou-se da morte. Morrer devia ser bem mais agradável a quem não tinha tido licença de viver. E sem poder saber o paradeiro do filho, e sem lhe ser possível juntar-se com elle, Martha, uma noite, adormeceu a beira de um precipicio e, em seu sonno agitado, em uma convulsão epiléptica de dor, faltou-lhe o chão firme e a desventurada creatura rolou pelo abysmo abaixo, acabando com o ultimo gemido de dor, o derradeiro alento de sua negra existência.¹⁷

Por fim, a mãe conclui: “Esta, meu filho, é uma das páginas desse doloroso livro, que as tinha como esta, aos milhares.”¹⁸ Ao saber que a escravidão estava abolida, o menino comemora: “Bravo, mamãe, *felizmente nasci em um paiz livre, em uma terra sem escravos*, não assistirei scenas como esta que a mamãe acaba de narrar.”¹⁹

Não obstante escrito em 1906, o conto traz instigantes trechos ao indicar à intimidade das relações familiares no meio escravista,²⁰ bem como chama a atenção para a estratégia da escrava Martha para resistir ao sofrimento: fuga e morte.

A fonte acima também traz indícios de como a memória sobre a escravidão poderia estar sendo construída num contexto posterior. Embora decorridos apenas 18 anos da abolição, o autor do texto parece querer indicar que as amarras da escravidão já faziam parte de um passado remoto e superado, distante da conjuntura do início do século XX.

¹⁶ *Idem.*

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ *Idem.*

²⁰ Ainda sobre o tema ver: SLENES, Robert. *Na senzala, uma Flor: Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava – Brasil Sudeste, Século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.

Se os discursos que sucederam a abolição procuraram dar um fim naquele passado incomodo, as marcas da escravidão não poderiam ser tão facilmente apagáveis. A fictícia “*terra sem escravos*” de Luizinho parecia contrastar com a realidade de Antonio Lourenço da Costa que, segundo nos informa o *Diário da Tarde*, no alto dos seus 113 anos continuava “resistindo aos embates da vida”;²¹ o homem era “um pobre preto, um velho escravo que ainda traz no corpo os signaes do velho ameaçador e nos pulsos os traços das algemas escravizadoras; é um pobre centenário nascido nesta cidade...”²². O jornal intitulou tal matéria de “Um preto macróbio implora ao publico: ‘uma esmolinha, sinhô!’”²³.

Concebidas nos moldes científicos, as teorias raciais reelaboradas pelo pensamento social brasileiro influenciaram o “(...) uso cotidiano da linguagem racial como forma de hierarquizar e definir lugares sociais.”²⁴ Neste sentido, para alguns era motivo de orgulho para Curitiba as vantagens que, teoricamente, os imigrantes de origem europeia poderiam lhe oferecer. Ideologicamente, no contraponto deste imigrante “ideal” estavam as pessoas de origem afro- brasileiras, cuja presença em Curitiba foi negada e/ou minimizada tanto por uma extensa bibliografia posterior, quanto por autores contemporâneos à época.²⁵ Exemplificando, foi publicado, no *Diário da Tarde*, em 1908, um texto sobre os aspectos físicos da população de Curitiba, do famoso advogado paranaense Pamphilo de Assumpção, no qual certas assertivas destes ideais de racialização estavam em evidência²⁶:

O que mais impressiona é a apparencia physica da população, em que se vão esfumando, apagando quase, os traços typicos do brasileiro primitivo ou do luzo-brazileiro, para accentuar-se o cunho de uma nova raça, oriunda de povos que contribuem com qualidades preciosas para o aperfeiçoamento physico, moral e intellectual da nova população (...), vae crescendo essa população invejavel de Coritiba, physicamente bella e forte, intellectualmente adiantada e superior (...). E isso se dá, sem duvida, porque os factores que concorreram para um tal estado de cousas, foram introduzidos por grupos, que mantendo puros os elementos primordiaes de sua origem, foram proporcionalmente contribuindo para a formação (...), mantendo-se puro, fornecia-lhe exemplares typicos da raça de que provinha, modificados somente pela acção favoravel do nosso meio. E pensando-se que esses elementos ethnicos tiveram por campo de acção um meio onde *minima era a porcentagem de individuos de raça preta*, temos explicado porque em menos de 30 annos os efeitos do cruzamento já se tornaram tão notaveis. Dos elementos que têm concorrido para a formação da nova população coritibana devemos contar em primeiro logar, na ordem chronologica, os allemães (...), profundo são os traços que no moral e no physico do povo coritibano vae deixando essa raça forte moral e physicamente (...). Parece- nos que este ensaio de

²¹ *Diário da Tarde*, 18 de fevereiro de 1917. p. 2

²² *Idem*.

²³ *Idem*.

²⁴ MATTOS, Hebe. A vida política. In. SCHWARCZ, Lilia (Org.) *História do Brasil Nação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p.108.

²⁵ Em destaque, intelectuais como Romário Martins, Nestor Victor e a geração de paranistas.

²⁶ Sobre Pamphilo de Assumpção ver: GRUNER, Clóvis. Um nome, muitas falas: Pamphilo de Assumpção e os discursos jurídicos na Curitiba da belle époque. *Revista de História Regional*. 14(1): 76-104, 2009.

sociologia que vimos de fazer, explica essa feição original da população coritibana, d'essa população bella, sadia, activa, moralisada, intelligente.²⁷

Na visão de autores como Assumpção, parecia que Curitiba estava trilhando o caminho certo rumo ao progresso, visto que a crença na superioridade de um “gene” civilizante já havia sido implantado por imigrantes que, como muitos acreditavam, pertenciam a uma “raça forte moral e physicamente”. Ainda, parece bastante evidente que o autor se encaixava no grupo dos que idealizavam a cidade por meio de um discurso hegemônico e generalizante e, como tal, corroborava com as teorias científicas da época que, entre outros fatores, compreendia europeus brancos como pessoas biologicamente portadoras de qualidades físicas e morais superiores. Da mesma forma, era importante para Pamphilo frisar que, quanto ao quesito étnico, a seu ver, Curitiba estava praticamente livre da presença “de indivíduos da raça preta” em sua população, já que os “traços typicos do brasileiro primitivo ou do luzo brasileiro” estavam em processo de apagamento.

Com um discurso muito parecido com o de Pamphilo, Wilson Martins afirmaria, quase 50 anos depois, que “o negro, sem o dinamismo reprodutivo que se observou em outras províncias brasileiras, sempre sofreu, e continua sofrendo, no Paraná, da tendência a desaparecer.”²⁸

Como afirmou Thomas Skidmore, o período referente à Primeira Guerra trouxe mudanças no que diz respeito à questão racial no Brasil. A partir de agosto de 1914 o mundo experimentou os tortuosos tempos de guerra, cujas consequências também atingiram o Brasil de diversas formas.

Autores como Angela de Castro Gomes, Márcia Naxara, Lúcia Lippi Oliveira e Thomas Skidmore, discorreram acerca de alguns aspectos concernentes a este período no âmbito nacional. De forma geral, há um certo consenso entre estes autores ao reconhecer que desde a eclosão do conflito temas como patriotismo, nacionalismo, militarização e alfabetização, ganharam as páginas dos jornais nacionais.

A guerra despertou discussões acaloradas, trouxe à tona velhos elementos até então não tão problemáticos e colocou em xeque algumas ideias antes menos questionadas. Tamanha mobilização não foi por acaso, para Angela de Castro Gomes:

(...) a Primeira Guerra Mundial produz um profundo impacto sobre os valores políticos acreditados no Ocidente e, como não poderia deixar de ser, sobre uma visão da História, de progresso e de civilização fundada em modelos universais e ‘otimistas’, oriundos ou não de teorias científicas.²⁹

Tratava-se de um tempo em que o nacionalismo, e suas variantes, encontravam-se na ordem do dia. O momento inspirava indagações e sugeria mudanças: “urge que iniciemos a nacionalisação do paiz para

²⁷ *Diário da Tarde*, 6 de agosto de 1908. p.1. (sem grifo no original)

²⁸ MARTINS, op.cit.p.133

²⁹ GOMES, A. de C., *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009. p.66
Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

que, as vezes, não nos julguemos, tristemente, estranhos dentro da nossa propria Patria. O momento é oportuno.”³⁰

Para a autora Lúcia Lippi Oliveira, tal período, “trouxe a questão nacional à ordem do dia, transformando o significado anterior do nacionalismo.”³¹ Esta transformação não se fez sem que uma série de indagações emergissem na conjuntura. No rol dos questionamentos que o tempo de guerra propiciava, surgiram debates em torno do tema raça. Nas palavras de Oliveira “(...) o novo nacionalismo, que defendia a consciência de uma identidade nova, rompeu com a herança européia, pelo menos na vertente que pressupunha o determinismo racista.”³²

E com a guerra batendo cada vez mais à porta, ou seja, a partir do fim da neutralidade do Brasil no conflito, em abril de 1917, assim como a ideia de “raça”, concomitantemente, o “elemento nacional” passou por um processo de ressignificação, fator que também atingiu aqueles que foram considerados como os “de fora”.

Encontramos, por exemplo, vestígios de tal situação na seguinte publicação: em março de 1918, o *Diário da Tarde* publicou um texto do jornalista Raul Gomes, intitulado “Os homens de cor e a civilização brasileira”³³, no qual trata da obra de negros bastante conhecidos na época, como José do Patrocínio, André Rebouças, Luiz Gama e Cruz e Sousa, ainda condenou o período da escravidão no país e assinalou as características que acreditava marcar o escravo no Brasil: “de um intimo bom, paciente no infortunio, docil na convivencia, submisso no trato com outrem”³⁴. Encerrou concluindo que, “pelo que se vê o negro não foi empeco mas força propulsora do nosso progresso; factor e não impedimento da nossa evolução; causa e não embaraço ás nossas conquistas economicas e sociaes.”³⁵

Embora tenha condenado os anos de escravidão de modo geral (fato nada incomum desde a Proclamação da República³⁶), e atribuído um fator valorativo ao negro, para o autor, o escravo “comum” ainda estava na condição de “coisificado”, obediente, manso, ou seja, mesmo sendo um período de valorização do “nacional”, é importante ressaltar os limites de tal discurso.

No entanto, isto não exclui que, em tempos como estes, o monopólio dos “verdadeiros braços” condutores do progresso nacional fora questionado. Ora, se nos discursos da imprensa, hegemonicamente, eram os brancos que apareciam como os detentores “natos” do progresso, mote que, inclusive, era afirmado

³⁰ *Commercio do Paraná*, 26 de abril de 1917. p.2

³¹ OLIVEIRA, op.cit. p.145

³² OLIVEIRA, op.cit. p.145.

³³ *Diário da Tarde*, 6 de março de 1918.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Idem*.

³⁶ Já nos primeiros anos do período republicano, tanto o antigo regime monárquico quanto a escravidão passaram a ser caracterizados como símbolos de um atraso para a civilização. Ainda sobre o tema ver: CHALHOUB, S. op.cit. 1986.

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

quando do estímulo a vinda de imigrantes para o país, neste momento os “nacionais” também dividam estes méritos históricos.

Outro indício da propagação do discurso que valorizava o “nacional” é decorrente da profusão de textos de autores que apresentavam outras perspectivas em relação ao caráter do “povo brasileiro”. Para Thomas Skidmore, no âmbito nacional, “a influência das ideias de Manuel Bomfim e Alberto Torres – figuras isoladas na era anterior – tornou-se claramente maior.”³⁷; como anteriormente apontado, ambos os autores citados por Skidmore, do seu modo, refutavam as teorias racialistas. Quanto ao primeiro, não localizamos ocorrências mais significativas, já, trechos da obra de Alberto Torres, foram bastante citados na imprensa local quando o assunto era nacionalismo e identidade nacional neste momento. A título de exemplo, destaco um trecho de um longo texto, cujo tema era o livro de Alberto Torres. “A Organização Nacional”, publicado no dia 11 de abril de 1917, no *Commercio do Paraná*:

Como homens de trabalho e de coração, os portugueses não são excedidos por nenhum outro povo. Os índios, que foram os senhores desta terra, podendo chamar-se os Adãos feitos de sua argila, deram-nos já typos superiores de cultura; devemos ao negro tudo quanto, entre nós, existe, lembrando o esforço do braço humano. Mais de uma figura eminente da nossa historia tinha sangue africano.³⁸

O discurso das “três raças” formadoras do Brasil, muitas vezes desqualificada a nível local, (vide texto de Pamphilo de Assumpção) parecia agora como coerente neste novo tempo. É interessante notar como até o discurso do caráter regionalista do Estado, o que se orgulhava do “cosmopolitismo” (europeu) paranaense, atenuou-se em meio à conjuntura. De forma geral, a busca por uma identidade nacional inseriu no debate atores antes pouco ou nada mencionados como “formadores” do progresso regional. Estava em jogo à busca pelos “brasileiros autênticos”, preocupação expressa também pelo colunista do *Diário da Tarde*, Gastão Faria:

Sempre alimentamos o antipatriotico habito de não darmos valor aquillo que é nosso, de origem brasileira. Aquella mania de descredito estava identificada connosco de uma maneira verdadeiramente irritante. Bastava que o producto industrial, ou artistico, por exemplo, fosse essencialmente brasileiro, para que a elle nós emprestassemos a qualidade de inferioridade. É o que não acontece hoje. Presentemente a fibra civica do povo se elevou de uma forma prodigiosa. Tudo que é nosso é bello, é bonito e é bom. (...) É mais uma das vantagens que a guerra nos trouxe.³⁹

³⁷ SKIDMORE, op.cit. p.211

³⁸ *Commercio do Paraná*, 11 de abril de 1917. p.2

³⁹ *Diário da Tarde*, 15 de dezembro de 1917. Coluna “Do meu Canto”. A coluna de Gastão Faria, (quase sempre na primeira página do *Diário da Tarde*), passou a ser publicada a partir de dia 8 de maio de 1917 e até o final de outubro de 1918 encontrei, quase que diariamente, seus textos estampados no jornal. O cotidiano da cidade era um dos principais temas que o mesmo abordava, o que me levou a priorizar seus textos na análise. É importante ainda mencionar que Gastão Faria fez parte da primeira turma de bacharéis formados pela Universidade do Paraná em 1917. Embora sua participação no jornal fosse mais ativa entre 1917 e 1918, Luiz Carlos Ribeiro citou dois textos de Faria, um em 1913 e o outro em 1920, ambos tratavam de problemas que

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

Embora o tom extremamente ufanista da opinião de Gastão e, outros que assim se posicionaram neste período, contrariando toda uma literatura anterior e posterior, aqui uma considerável parte dos intelectuais do Paraná não pareciam reivindicar para o estado, e para si, a condição de exceção frente a outros, ou seja, aqui não se tratava de um “Brasil diferente”.⁴⁰

Para finalizar, é importante frisar que este trabalho encontra-se ainda em fase inicial. Num primeiro momento, esta abordagem parece reiterar o que Thomas Skidmore sustentou, ou seja, a grande parte da *intelligentsia* que circulava pela imprensa carregava em seus discursos as “verdades” sustentadas pelas teorias racialistas de época. No entanto, assim como mostrou o trabalho de Carolina Dantas, os embates do início do século XX também eram travados no âmbito da ideias, logo, se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada para que tal questão seja mais bem elucidada.

Referências

Fontes

JORNAL *Diário da Tarde*. Curitiba. 1899, 1906, 1908, 1917, 1918. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

JORNAL *O Commercio do Paraná*. 1917. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

Bibliografia

AULICH, Werner. *O Paraná e os alemães*. Estudo caracteriológico sobre os imigrantes germânicos. Curitiba, 1953.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DANTAS, Carolina Vianna. Brasil “*café com leite*: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos. (Rio de Janeiro, 1903-1914). (Tese – UFF), 2007.

afetam as classes populares. RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. 263f. Dissertação (Mestrado em História - USP), São Paulo, 1985. p.57 e 59.

⁴⁰ OLIVEIRA, Márcio de. Por uma sociologia do Brasil Meridional. In: *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná*. SZWAKO, José Eduardo Léon, OLIVEIRA, Márcio de. (Orgs.) Curitiba: Ed. UFPR, 2009. p. 17-30

- FABRIS, Pamela Beltramin. “*Nós, os selvagens, não reverenciamos os símbolos Kaiserianos: conflitos em torno de uma identidade germânica em Curitiba (1890-1918)*”. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, 2014.
- GOMES, Angela de C., *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009.
- GRUNER, Clóvis. Um nome, muitas falas: Pamphilo de Assumpção e os discursos jurídicos na Curitiba da belle époque. *Revista de História Regional*. 14(1): 76-104, 2009.
- HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro. *Entre o “espírito da lei” e o “espírito do século”*: a urdidura de uma cultura jurídica da liberdade nas malhas da escravidão. (Curitiba: 1868-1888). Dissertação (Mestrado em Direito. PPGD – Setor de Ciências Jurídicas – UFPR. Curitiba, 2013.
- IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. 2.ed. Ver. e aum. São Paulo: Hucitec, Curitiba: Scientia ET Labour, 1998.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.
- MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.
- MATTOS, Hebe. A vida política. In. SCHWARCZ, Lilia M. (Org.) *História do Brasil Nação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MATTOS, Hebe; RIOS, Ana Maria. *O pós-abolição histórico: balanços e perspectivas*. Topoi, v.5, n.8, jan-jun. 2004, pp.170-198. p.170
- NAXARA, Marcia. R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Márcio de. Por uma sociologia do Brasil Meridional. In: *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná*. SZWAKO, José Eduardo Léon, OLIVEIRA, Márcio de. (Orgs.) Curitiba: Ed. UFPR, 2009. p. 17-30
- PENA, Eduardo Spiler. *O Jogo da Face: a astúcia escrava frente aos senhores e a lei na Curitiba provincial*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. 263f. Dissertação (Mestrado em História - USP), São Paulo, 1985. p.57 e 59.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Lilia Moritz (org). *História do Brasil Nação*. Editora Objetiva, 2012. V.3
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SKIDMORE, Thomas. E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma Flor: Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava – Brasil Sudeste, Século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.

Recebido em 28/11/22 aceito para publicação em 30/01/23.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

ISSN 2317-4021